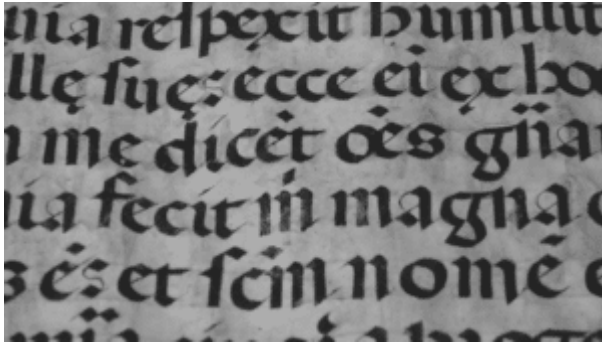


As origens da língua portuguesa



Por **HENRIQUE SANTOS BRAGA & MARCELO MÓDOLO**

Em tempos de fronteiras tão rígidas e identidades tão disputadas, lembrar que o português nasceu no vaivém entre margens – geográficas, históricas e linguísticas – é, no mínimo, um belo exercício de humildade intelectual

Segundo o linguista Marcos Bagno, ao se tratar das origens da língua portuguesa, “[...] seria mais correto falar de uma *ilusofonia* e, por tabela, de uma ancestralidade *ilusa* e *ilusitana*”. Esse perspicaz trocadilho (que o autor também registrou em outros textos) está no prefácio à edição brasileira de *Assim nasceu uma língua* (2024), obra de Fernando Venâncio, linguista português que nos deixou no dia 30 de maio. Ainda de acordo com Marcos Bagno, o livro poderia ter como subtítulo “Sobre as origens galegas do português”.

Mas o português não vem do latim?

Sim e não, caro leitor, nobre leitora. Os estudos mais alentados sobre a história deste idioma em que vos escrevemos apontam para uma origem um pouco mais complexa do que nos foi ensinada em tempos de escola. Embora o latim vulgar seja a base comum do português e do galego, foi por meio do galego medieval – variedade românica que se expandiu durante a Reconquista – que as principais estruturas linguísticas do português se consolidaram no território que viria a ser Portugal.

Esse é o ponto central de *Assim nasceu uma língua*, em que Fernando Venâncio recorre a estudos linguísticos e históricos para lançar mais luz a essa questão, buscando atingir um público amplo, não apenas os iniciados.

Assim, no prefácio, quando Marcos Bagno fala em “ilusofonia”, há duas camadas de interpretação, que sintetizam bem a visão desenvolvida por Venâncio. Em uma primeira camada, interpretamos esse “i-” como um morfema de negação, tirando os tais “lusos” ou “lusitanos” da árvore genealógica desta língua.

Em outra, que se soma à anterior, cria-se uma espécie de palavra-valise, soma de “ilusão” e “lusofonia”. Nesse caso, além de negar a origem exclusivamente lusitana da língua, a expressão sugere que essa ideia de uma “lusofonia” coesa e ancestral seria, na verdade, uma construção ilusória, um mito linguístico que precisa ser revisto.

Sim, em boa parte do que viria a ser o Reino de Portugal, existiu a Lusitânia; porém, com o domínio mouro sobre a Península Ibérica (iniciado no século VIII), não se manteve a prevalência de uma língua lusitana naquele território, onde os descendentes dos lusos adotavam variedades *moçárabes* (grosso modo, falares de origem latina, contudo arabizadas).

Para tratar do nascimento do português, Fernando Venâncio destaca que a substituição desses falares moçárabes por um

a terra é redonda

romance (isto é, um idioma surgido daquele que se falava em Roma, o latim) começa a se dar na chamada “Reconquista”, quando católicos do Norte da Península rumaram ao Sul, trazendo sua língua. Essa língua era o galego.

O galego rumo ao Sul

A tese de Fernando Venâncio, ao destacar as origens galegas do português, desloca um antigo mito fundador segundo o qual nossa língua teria nascido diretamente no território hoje identificado como Portugal, numa espécie de continuidade homogênea do latim.

O que *Assim nasceu uma língua* propõe, com farta documentação e elegância argumentativa, é uma genealogia mais complexa, em que o português surge em boa parte como desdobramento do galego, língua de prestígio e difusão no noroeste peninsular a partir da Idade Média.

A proposta não nega a base latina do português – como também é, aliás, a do galego –, mas contesta a narrativa que localiza o nascimento da língua exclusivamente na antiga Lusitânia ou em território lusitano. Segundo Venâncio, foram as formas linguísticas trazidas do Norte pelos cristãos durante a chamada Reconquista que se fixaram e se expandiram ao sul da Península Ibérica, substituindo os falares moçárabes então predominantes.

Fernando Venâncio propõe que foi o galego que se espalhou para o Sul da futura região portuguesa durante a Reconquista cristã (e não um suposto “português primitivo”), substituindo os falares moçárabes, que predominavam desde a ocupação muçulmana.

Entre os argumentos linguísticos reunidos por Fernando Venâncio, destaca-se um que perpassa boa parte do livro, a queda dos fonemas “l” e “n” em posição intervocálica – presentes nas formas latinas, mas eliminados nas variedades do noroeste peninsular, possivelmente sob influência de um substrato linguístico local, segundo a hipótese mais aceita.

Inicialmente, o galego foi a única língua da Península Ibérica na qual esse processo ocorrera e, no português, a ausência dessas consoantes é documentada como uma herança galega.

A comparação com o espanhol, língua vizinha ao território português, traz exemplos interessantes: o fonema “l” do latino “colore” se manteve em “color”, mas não no nosso termo “cor”. O mesmo processo vemos em “mala persona”, que, em português, dá lugar a “má pessoa” (sem “l” ou “n” entre vogais).

Na comparação com o espanhol, Fernando Venâncio é pródigo em exemplos: “cenar” e “cear”, “corona” e “coroa”, “solo” e “só”, “dolor” e “dor”, entre tantos outros. Na contramão, mas não em contradição, formas portuguesas como “dolorido” ou “frenar”, com seus “l” e “n” intervocálicos, começam a ser mais produtivas, segundo Venâncio, por volta de 1400, por influência da língua espanhola – referência então de elevada cultura e modernidade.

Mais do que uma provocação linguística, a obra convida o leitor a rever certas imagens cristalizadas sobre identidade linguística e herança cultural. Ao enfatizar a função ativa da Galícia medieval nesse processo, Fernando Venâncio nos mostra que o português nasceu de movimentos históricos, deslocamentos e encontros – e não de um núcleo isolado e rigidamente definido.

Em tempos de revalorização das origens e de reconstrução de pertencimentos, essa é uma lembrança oportuna. Afinal, se há algo que a história das línguas nos ensina, é que nenhuma nasce pura, nenhuma nasce sozinha – e quase sempre nasce das margens. Assumir essa origem galega do português não significa reduzir sua história, mas ampliá-la. Significa aceitar que viemos também – e talvez sobretudo – do lado de lá do Minho.

Língua em travessia - com sotaque galego e alma de encruzilhada

Em tempos de fronteiras tão rígidas e identidades tão disputadas, lembrar que o português nasceu no vaivém entre margens – geográficas, históricas e linguísticas – é, no mínimo, um belo exercício de humildade intelectual.

E talvez também um convite: o de olharmos para nossa língua, não como produto acabado de uma história única, mas como encruzilhada de falas, influências e continuidades.

É aí que reside, afinal, a força do argumento de Fernando Venâncio. Ao devolver ao galego seu papel de protagonista no enredo da formação do português, ele não nega o latim, mas o faz ecoar por meio de outra linhagem, menos romanizada do que se costuma admitir, e bem mais matizada. Em lugar da linha reta, a curva; no lugar do mito heroico de fundação, a memória dos deslocamentos.

Ao homenagear Fernando Venâncio e seu trabalho preciso e corajoso, reafirmamos esse convite – e celebramos, com gosto de Galícia e voz de Brasil, a travessia de uma língua que, afinal, renasce a cada dia.

***Henrique Santos Braga** é doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela USP.

***Marcelo Módolo** é professor de filologia na Universidade de São Paulo (USP).

Publicado originalmente no [Jornal da USP](#).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)